



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

GESTÃO DEMOCRÁTICA: NA PRÁTICA ESCOLAR

ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL

Sandra Turello Schuster

**Tio Hugo, RS, Brasil.
2012**

GESTÃO DEMOCRÁTICA: NA PRÁTICA ESCOLAR

por

Sandra Turello Schuster

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação “*LATO SENSU*” em Gestão Educacional, chancelado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Gestão Educacional**.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Pustilnik Vieira

**Tio Hugo, RS, Brasil
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a presente Monografia

GESTÃO DEMOCRÁTICA: NA PRÁTICA ESCOLAR

elaborada por:
Sandra Turello Schuster

como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional.

Comissão Examinadora:

Prof., Dr. Marcelo Pustilnik Vieira
(Orientador, UFSM)

(UFSM)

(UFSM)

Santa Maria, ____ de _____ de 2012.

A Deus, que é minha força.
Ao meu esposo, Marcelo Schuster.

DEDICO.

Ao orientador, prof. Dr Marcelo Pustilnik
Vieira, pela disponibilidade e atenção.
A coordenação e professores da UFSM,
pela oportunidade.
A minha família, pela compreensão, apoio
e carinho.

AGRADEÇO!

RESUMO

Monografia de Especialização em Gestão Educacional
Curso de Pós-Graduação “*LATO SENSU*” em Gestão Educacional,
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS)

GESTÃO DEMOCRÁTICA: NA PRÁTICA ESCOLAR

AUTORA: SANDRA TURELLO SCHUSTER

ORIENTADOR: PROF. DR. MARCELO PUSTILNIK VIEIRA

Tio Hugo, ____ de _____ de 2013.

Ao escolher o tema Gestão Democrática na prática escolar, o estudo objetiva apontar as práticas desenvolvidas no cotidiano em que a mesma se efetiva. Como os sujeitos que estão inseridos nesse processo se adaptam a nova realidade onde todos são partes ativas colaborando com o desenvolvimento total das atividades escolares. Quais as contribuições que gestão democrática trouxe para escola, pais e alunos, e se os mesmos estão compreendendo esta nova modalidade de administrar o espaço escolar, se está havendo reciprocidade entre ambos nos momentos decisivos tanto para a escola como para o aluno. A metodologia empregada é a revisão bibliográfica, com leitura e reflexão de textos de autores que tratam da gestão democrática, da educação, da família, e do professor. Os resultados alcançados com a leitura dos textos mostram que todos estão envolvidos, buscam a mediação obtendo melhor rendimento com os alunos enquanto sujeitos da aprendizagem.

Palavras-chave: Educação. Família. Gestão educacional.

ABSTRACT

Monograph of Specialization in Educational Management
Postgraduate Course "broad sense" in Educational Management,
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS)

DEMOCRATIC MANAGEMENT: PRACTICE IN SCHOOL

AUTORA: SANDRA TURELLO SCHUSTER
ORIENTADOR: PROF. DR. MARCELO PUSTILNIK VIEIRA
Tio Hugo, ____ de _____ de 2013.

When choosing the theme Democratic Management in school practice, the study aims to show the practices developed in everyday life in which it is effective. As the subjects that are included in this process fit the new reality where all active parts are collaborating with the total development of school activities. What are the contributions that brought democratic school management, parents and students, and if these are realizing the new way to manage the school, if there is reciprocity between the two turning points in both the school and to the student. The methodology employed is the literature review, with reading and reflection of texts of authors who deal with democratic management, education, family, and teacher. The results achieved with the reading of the texts show that everyone is involved, seek mediation obtaining better performance with students as subjects of learning.

Keywords: Education. Family. Education management.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 GESTÃO DEMOCRÁTICA	10
2.1 Gestão Escolar e Gestor Escolar	11
3 EDUCAÇÃO	14
4 FAMÍLIA	18
4.1 Os Pilares da Educação	20
4.2 As Habilidades: Cognitiva, Social e Emocional	22
4.3 A Família e a Transmissão de Valores	24
4.4 A Escola e a Transmissão de Valores	26
4.5 As Diferenças entre Educar e Ensinar.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

A escola é um espaço de diferentes realidades, o que muitas vezes acabam gerando determinados conflitos nas relações entre ela e a família e até mesmo com os alunos. Sabemos que é necessária cumplicidade de ambas as partes para que o processo de ensino aprendizagem ocorra de forma tranquila e alcance seu objetivo que é a aprendizagem do aluno. E é por isso que atualmente, a escola, desenvolve seus trabalhos a partir da idéia de gestão democrática na qual se busca a participação efetiva de todos os componentes da comunidade escolar envolvendo-os no processo como um todo, dessa forma tornando a contribuição de cada um significativa. A metodologia empregada é a revisão bibliográfica, com leitura e reflexão de textos de autores que tratam da educação, da família, e do professor. Os resultados alcançados com a leitura dos textos mostram que todos estão envolvidos buscando melhores abordagens para os alunos enquanto sujeitos da aprendizagem.

É necessária a colaboração de toda a comunidade escolar para que transforme suas vidas em processos permanentes de ensino-aprendizagem e dessa forma, ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional, do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação, que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e de trabalho e tornarem-se cidadãos realizados e produtivos.

A educação é atravessada pelo ambiente escolar e por suas práticas, bem como pelo dia-a-dia da criança, em sua relação consigo, com o outro e com o mundo. Pensando assim, não é difícil compreender que cada um educa a si mesmo no mundo no qual lhe corresponde viver.

O estudo tem sua relação fundamentada nas pesquisas e debates em educação que tratam da relação e da importância da interação de toda a comunidade escolar na formação do sujeito.

2 GESTÃO DEMOCRÁTICA

Gestão Democrática é uma das formas de administrar uma escola, onde todos participam contribuindo na elaboração do projeto político pedagógico, no conselho de classe, para que haja transparência em todos os atos praticados por ela, porém há ainda algumas instituições que ainda não alcançaram por completo esse objetivo, o processo ocorre de forma fragmentada como ocorria na forma de apenas administrar a escola.

A escola deve ser um ambiente onde as práticas participativas colaborem para a aprendizagem de todos os componentes. Realizando e valorizando a reflexão de todos os atos que englobam o processo de ensino aprendizagem e que todos percebam que têm sua parcela de responsabilidade.

Escola é um local formado por diversos tipos de sujeitos, e reflexos disso são nas contribuições que cada um traz para o ambiente escolar quando passam a ser ativos nas atividades desenvolvidas por ela. Com conhecimentos diferenciados é possível juntar todos e pensarem em um único objetivo voltado para o bem comum de todos aí estarão exercendo de forma efetiva a gestão democrática.

Segundo, Cury (2008 *apud* OLIVEIRA, 2008, p.17), compreende a:

Gestão democrática como princípio da educação nacional, presença obrigatória em instituições escolares, é a forma não-violenta que faz com que a comunicação educacional se capacite para levar a termo um projeto pedagógico de qualidade e possa também gerar “cidadãos ativos” que participem da sociedade como profissionais comprometidos e não ausentes de ações organizadas que questionam a invisibilidade do poder.

É de suma importância que os sujeitos que participam desse processo se tornem ativos e colaborem, pois dessa forma a escola deixa de ser um espaço somente de ensino e passa a ser a de construção dos cidadãos os quais futuramente terá reflexos diretos na sociedade, com pessoas mais críticas, autônomas e participativas.

Ferreira (2008, p. 306), entende a gestão democrática como:

[...] gestão é administração, é tomada de decisão, é organização, é direção. Relaciona-se com a atividade de impulsionar uma organização a atingir seus objetivos, cumprir sua função, desempenhar seu papel. Constitui-se de princípios e práticas decorrentes que afirmam ou desafirmam os princípios que a geram. Este princípios, entretanto não são intrínsecos à gestão como a concebia a administração clássica, mas são princípios sociais, visto que a gestão da educação se destina à promoção humana.

Com certeza é no ambiente escolar que se dá os primeiros passos para desenvolver as lideranças bem como a construção do sujeito enquanto cidadão e transformador da realidade vivenciada pelos mesmos.

2.1 Gestão Escolar e Gestor Escolar

Gestão escolar nada mais é que as tarefas dos estabelecimentos de ensino de elaborar e executar sua proposta pedagógica, administrando seus recursos humanos e materiais. Entretanto a diferenciação ocorre na forma em que o gestor for colocar em prática esses planejamentos, se ele fizer tudo só, significa que está apenas administrando os meios os quais tem disponível, porém se ele faz isso solicitando a participação de toda a comunidade escolar ele estará desenvolvendo o papel de gestor, onde todos contribuirão na prática cotidiana enfrentando todas as dificuldades juntos.

Para Libâneo:

Na maior parte das vezes, a realidade das escolas ainda é de isolamento do professor. Sua responsabilidade começa e termina em sala de aula. A mudança dessa situação pode ocorrer pela adoção de práticas participativas, em que os professores aprendam nas situações de trabalho, compartilhem com os colegas, conhecimentos, metodologias e dificuldades, discutam e tomem decisões sobre o projeto pedagógico curricular, sobre o currículo, sobre as relações sociais internas, sobre as práticas de avaliação. (2007, p. 308)

A gestão escolar deve ser composta pelo grupo em que, cada um fazendo um pouco, contribuindo significativamente possa fortalecer suas individualidades, no coletivo e, assim, contribuir para o administrativo, o financeiro e o pedagógico. É um conjunto, e não a unicidade que faz a diferença.

Portanto não há como negar o papel da gestão escolar bem como do gestor escolar, é ele quem vai transformar o ambiente escolar, porém com a colaboração de toda a comunidade, ele não trabalhará sozinho e é nessa prática que os alunos se constroem como sujeitos ativos e futuros cidadãos autônomos.

Para, Hengmulhe:

Sua função envolve atividades de mobilização, de motivação e de coordenação. Dirigir uma escola implica colocar em ação os elementos do processo organizacional (planejamento, organização, avaliação) de forma integrada e articulada. Assim, o gestor é a figura que deve possuir e liderança, no clima de organização da escola que pressupõe a liberdade de decidir no processo educativo e não nos gabinetes burocráticos. (2004, p.191)

O Gestor escolar, na perspectiva da gestão escolar democrático participativa são todos aqueles que fazem parte da escola: professores, pais, alunos, funcionários e a comunidade local. É a lei. O diretor, antes de ser diretor, deve ser um professor, como pré-requisito para exercer a função de diretor. Sendo assim, ele não é DIRETOR, ele ESTÁ DIRETOR, então logo acabe seu mandato, ele retorna às suas atividades docentes e dá espaço para que outro ESTEJA diretor.

O gestor escolar enquanto líder no processo, precisa estar consciente de que não realiza nada sozinho que se faz necessária a contribuição de todos para que o trabalho que o mesmo desenvolver possa alcançar seu objetivo maior.

Borges salienta:

O gestor escolar tem de se conscientizar de que ele, sozinho, não pode administrar todos os problemas da escola. O caminho é a descentralização, isto é, o compartilhamento de responsabilidades com alunos, pais, professores e funcionários. Isso, na maioria das vezes, decorre do fato de o gestor centralizar tudo, não compartilhar as responsabilidades com os diversos atores da comunidade escolar. Na prática, entretanto, o que se dá é a mera rotinização e burocratização das atividades no interior da escola, e que nada contribui para a busca de maior eficiência na realização de seu fim educativo. (2008, p.83)

O pensamento semelhante nos traz (Paro, 2008, p.130)

O gestor escolar deve ser um líder pedagógico que apóia o estabelecimento das prioridades, avaliando, participando na elaboração de programas de ensino e de programas de desenvolvimento e capacitação de funcionários, incentivando a sua equipe a descobrir o que é necessário para dar um passo à frente, auxiliando os profissionais a melhor compreender a realidade educacional em que atuam, cooperando na solução de problemas pedagógicos, estimulando os docentes a debaterem em grupo, a refletirem sobre sua prática pedagógica e a experimentarem novas possibilidades, bem como enfatizando os resultados alcançados pelos alunos.

É impossível não perceber que o gestor é responsável por todas as funções de um estabelecimento de ensino, razão pela qual é necessário a defragmentação dessas funções e responsabilidades, para que ele consiga cuidar bem da parte pedagógica tanto quanto da administração logística, ele tem que ser aquela pessoa que sabe dividir tarefas supervisioná-las e acrescentar quando necessário. Quando ele consegue fazer isso com certeza terá repercussão também na qualidade do ensino, pois todos juntos irão superar as dificuldades cotidianas, conseqüentemente a qualidade da aprendizagem, a da vida de seus educandos será diferente com isso tornará a sociedade mais justa e humana o que na verdade é o que queremos.

3 EDUCAÇÃO

A educação pode ter diversos conceitos, entretanto todos nos levam para um mesmo pensamento, que ela é um dos instrumentos utilizados na construção do ser humano enquanto sujeito ativo e autônomo de seus próprios conhecimentos adquiridos seja no âmbito escolar ou familiar.

Segundo o Ferreira, educação é o “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social”.

Já Freire nos diz que:

“a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados, estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos”. Afirmação tão coerente nos faz refletir sobre o processo educativo contínuo, como base de uma constante busca pela melhoria da qualidade da formação docente e discente. A ação educativa implica um conceito de homem e de mundo concomitantes, é preciso não apenas estar no mundo e sim estar aberto ao mundo. Captar e compreender as finalidades deste a fim de transformá-lo, responder não só aos estímulos e sim aos desafios que este nos propõe. Não posso querer transmitir conhecimento, pois este já existe, posso orientar tal indivíduo a buscar esse conhecimento existente, estimular a descobrir suas afinidades em determinadas áreas. (1983, p. 28)

É inevitável compreender que esse processo de educar e ser educado engloba toda a sociedade e que são passados de gerações para gerações. Desde o momento em que nascemos já fazemos parte de um círculo social, e a educação é nos passada nesse meio e formalizada na escolar, mais não deixamos de ensinar e

aprender nunca, porque sempre haverá algo que não conhecemos ou não temos habilidades suficientes para desenvolver.

Para Mizukami:

No processo da educação, durante o período em que o aluno frequenta a escola, ele se confronta com modelos que lhe poderão ser úteis no decorrer de sua vida durante e pós-escola para que o aluno possa chegar, e em condições favoráveis, a uma confrontação com o modelo, é indispensável uma intervenção do professor, uma orientação do mestre. (1986. p.11)

Segundo Freire:

ao mostrar que um aluno é um educando que em par com um educador retoma em sala de aula um processo de produção de conhecimento, nos aponta o diálogo como instrumento por excelência pelo qual esse conhecimento se produz. Iniciando sempre do universo do aluno, do que para ele é significativo, da sua maneira de pensar, do conhecimento que traz do seu grupo social, cabe à escola possibilitar-lhe a superação dessa visão inicial, dando-lhe acesso a novas formas de pensar que constituem a base do conhecimento sistematizado contemporâneo. (1975, p. 24)

O que reforça a idéia de que o processo educacional ocorre a todo o momento, não precisa necessariamente ser no âmbito escolar, porém é nesse espaço que o educando vai organizar sua educação formal e, portanto fazer uso de seus conhecimentos já produzidos a partir da realidade vivenciada por ele.

E dentro dessa realidade algo importante para se analisar é como se constrói a relação professor aluno, já que muitas vezes o aluno tem melhor desempenho em suas atividades curriculares quando ele mantém uma relação harmoniosa com o professor. Quando a criança vai para escola ela começa a lutar por sua liberdade e consciência individual e compete ao professor auxiliá-la neste momento em que está descobrindo um mundo novo, fora de seu ambiente familiar.

Não é uma tarefa fácil, visto que, o professor exercerá influência no aluno, e que na maioria das vezes, ele é o espelho do mesmo. A responsabilidade é muito grande, o professor atuará muitas vezes de forma decisiva na construção do caráter

da criança, principalmente quando a mesma não vem com o suporte esperado do ambiente familiar.

Esta atitude deverá acontecer de forma natural, à medida que o professor se comporta de acordo com o que ele se propõe a ensinar. Para que ocorra esse processo é necessário que o professor seja uma pessoa íntegra, correta, um cidadão que cumpre com suas obrigações. Partindo do pressuposto que o exemplo é o melhor método de ensino.

Conforme Mizukami:

A escola deve possibilitar ao aluno o desenvolvimento de suas possibilidades de ação motora, verbal e mental, de forma que possa, posteriormente, intervir no processo sócio-cultural e inovar a sociedade. Deve ser algo que possibilite ao aluno ter um interesse intrínseco sua própria ação. (1986, p. 73)

Se o professor estiver bem e entender sua função no processo de ensino-aprendizagem, com certeza ele não irá somente transmitir conhecimentos, e sim construir conceito com o aluno tornando-o um ser sadio, o qual se preocupará consigo mesmo e também com os outros, respeitando mutuamente seu ambiente. Porém, para que o processo ocorra com resultados significativos, é preciso que o professor se preocupe com sua própria educação profissional e psicológica, tal o benefício será revertido, indiretamente, na educação da criança.

A educação do adulto, acima referida, está ligada diretamente ao seu auto-conhecimento, e este se dá, com a análise profunda de seus sentimentos como: medos, temores, incertezas, raiva, etc. Não devemos ignorar os sentimentos que muitas vezes perturbam o professor visto que, muitas vezes, ele poderá se sobressair em momentos não muito adequados.

O reflexo desse profissional estabilizado emocionalmente e qualificado recainas crianças que irão crescendo e adquirindo cultura, gosto pelos estudos, pela pesquisa, pela descoberta do novo. Tornando-se adultos críticos e que acreditam na educação, respeitando os professores, os pais e agendo de forma responsável e idônea por toda sua vida.

Segundo Chalita:

O professor que busca construir é aquele que consiga de verdade ser um educador, que conheça o universo do educando, que tenha bom senso, que permita e proporcione o desenvolvimento da autonomia de seus alunos. Que seja politicamente participativo, que suas opiniões possam ter sentido para os alunos, sabendo sempre que ele é um líder que tem nas mãos a responsabilidade de conduzir um processo de crescimento humano, de formação de cidadãos. (CHALITA, 2001, p. 177)

Seguindo a linha de pensamento de Gabriel Chalita, podemos constatar que, de fato o professor que construiu um bom universo terá condições de fazer a mediação com o aluno, para que o mesmo se constitua de fato como um sujeito do processo da formação humana.

Entendo que a educação enquanto construção conjunta do conhecimento não necessita de mágica e sim de magia. Ela é capaz de fazer brilhar os olhos de quem a observa, a palavra, o gesto, a convicção daquele que o chama a participar do que propõe enquanto saber. Educa-se, ensina-se pela consideração das possibilidades que potencializará a cada um ser participante na construção de saberes.

Portanto é como diz Arroyo:

Todas as propostas dirigem seu foco para os sujeitos da ação educativa, educadores e educando enquanto sujeitos sociais, culturais, sujeitos de práticas, de pensamentos e de valores, de culturas e de identidades diversas. Vemos a escola como um encontro cultural de gerações, do adulto e da infância. É o olhar primeiro desde que a pedagogia e o pedagogo aparecem na história. (ARROYO, 2004, p. 137)

Com este trecho de Arroyo fica claro que o ato de educar perpassa todos os seguimentos da vida humana, acontecendo em todos os momentos, o que diferencia são as formas em que se constrói este ato e por quem ele é executado, sendo que isso cabe aos pais nos primeiros anos de vida da criança e depois a continuação na escola tendo clareza que terá sempre reflexo na sociedade.

4 FAMILIA

Em nossa sociedade atual ocorreram muitas mudanças, e com isso, houve inversões de papéis e valores, a família passa a ter novas configurações uma vez que a mulher conquista cada vez mais seu espaço no mercado de trabalho e, conseqüentemente, a realidade da criança é afetada tendo reflexo na escola.

Como os pais possuem pouco tempo para passar com seus filhos, acabam muitas vezes superprotegendo-os e, dessa forma, não impondo os limites que lhes competem e acaba contribuindo com o papel de educar apenas às escolas. Algo eternamente constatado é que o ato de educar precisa acontecer, primeiramente, no ambiente familiar, pois é nesse contexto que os conceitos morais e de valores são transmitidos de pais para filhos e a escola somente deve ampliar o que foi iniciado pela família.

Sabe-se da importância de um “não” para os filhos, sendo que, na maioria das vezes, isso pode fazer a diferença na vida futura dele. Já que isso irá ajudar-lhe a lidar com a frustração a qual é inerente a todos os seres humanos no decurso de suas vidas.

No momento em que os pais colocam limites para seus filhos, quanto a dinheiro, sair, passear, impõe tarefas e ao mesmo, respeito ao próximo, precisam observar suas próprias posturas, uma vez que a criança aprende com o modelo do adulto, sabemos que uma atitude vale muito mais do que palavras.

A partir de atitudes simples se desperta o senso de responsabilidade dos filhos como: arrumar o próprio quarto, guardar seus brinquedos. Tendo a clareza que isso poderá auxiliá-los a sobressair, não só no espaço escolar, mas em toda a vida.

A imposição de limites é algo muito complexo, muito mais do que se pode imaginar e é justamente aos pais, que esta árdua tarefa compete, pois essas atitudes serão as responsáveis pela adaptação crítica às regras sociais. Essa complexidade, na verdade, vem da forma em que os limites são passados, sendo que este é um aprendizado puramente emocional. Quando os pais tentam impor limites a seus filhos, automaticamente, estão tendo que trabalhar com suas próprias questões a cerca do que é “impor limite” e de como fazê-lo.

O conceito de limites é como as regras ou leis e nem todos os pais tem atitudes em seu cotidiano que os filhos possam seguir como exemplo, como já mencionados anteriormente, que as atitudes são o modelo. Então um pai que não possui limite em seu cotidiano, como vai cobrar do filho? Estarão tentando passar um aprendizado que os mesmo não possuem.

Na prática não se pode ensinar aos pais o que fazer durante esse aprendizado, até porque todos somos diferentes, porém e de fundamental importância que eles revejam suas atitudes e valores, transmitindo a seus filhos somente aquilo que realmente seja válido.

Os pais devem ter autoridade diante dos filhos, sendo firmes em suas decisões. Isso não significa que eles devem ser extremamente punitivos, somente não podem esquecer que nesse momento esse papel é deles, mas que no futuro será desempenhado pela sociedade. Sendo assim, a autoridade dos pais é o reflexo de como a criança vai lidar com os limites e até mesmo com suas frustrações na idade adulta.

Marques (2002, p. 20) diz que os saberes oriundos das experiências da vida cotidiana co-participada, as tecnologias exigentes dos conhecimentos elaborados no âmbito das ciências e educação não são realidades que possam se isolar ou se opor, retificadas em si mesmas.

Entendo que neste contexto é claro que os conflitos vieram juntamente com a tecnologia e as gerações anteriores reclamam da maneira rígida como foram criadas e do desejo de educarem os filhos com maior liberdade e proximidade. Já os pais de hoje, em contrapartida, tornaram-se íntimos demais, esquecendo de que uma criança precisa saber qual é o seu lugar no contexto familiar, ou seja, qual é o seu limite.

É assim na conservação/transformação, na troca de informações, que a criança vai se construindo, seus pais são modelos de vida. A educação é contemporânea do estar junto, do viver em sintonia. Os saberes das tradições passam de pais para filhos, dos mais velhos para as novas gerações, saberes conaturais da vida, não exigentes de espaços e tempos formalizados. (MARQUES, 2002, p. 23)

Isso me leva a afirmar que os pais de fato são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos, e o que realmente está acontecendo é a inversão de papéis. Os pais estão tentando responsabilizar a escola de um papel que compete exclusivamente a eles, mas que, para cumprir é preciso primeiro, educarem-se ou reeducarem-se.

O posicionamento atual dos pais frente a escola e ao educando dificulta o trabalho da escola e do profissional responsável que é o gestor porque acaba por faltar uma das partes no processo de democratização, com isso todos perdem, pois grandes contribuições deixam de ser feitas para o enriquecimento de todos.

4.1 Os Pilares da Educação

Os pilares da educação é conceito fundamental para um ensino de qualidade. Eles fazem a diferença no ato de educar, mas para tanto é necessário que se esteja comprometido com o processo ensino-aprendizagem do sujeito, são elas: Aprender a conhecer, Aprender a fazer, Aprender a viver juntos aprender a conviver com os outros e Aprender a ser.

Aprender a conhecer nada mais é que o prazer de aprender independente do tipo de conhecimento que esteja sendo adquirido, ele pode ser considerado como um meio e uma finalidade para qualquer ser humano.

Como nos diz Delors:

Aprender para conhecer supõe, antes de tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento. Desde a infância, sobretudo nas sociedades dominadas pela imagem televisiva, o jovem deve aprender a prestar atenção às coisas e às pessoas. A sucessão muito rápida de informações mediatizadas, o "zapping" tão freqüente, prejudicam de fato o processo de descoberta, que implica duração e aprofundamento de apreensão. Esta aprendizagem da atenção pode revestir formas diversas e tirar partido de várias ocasiões da vida (jogos, estágios em empresas, viagens, trabalhos práticos de ciências...). (2009, p. 20)

O que na verdade apenas confirma a idéia de que estamos sempre em processo de aprendizagem mesmo quando está não é a formalizada e vai depender de cada individuo dentro de suas curiosidades terá seu aprendizado ampliado.

Aprender a fazer o segundo não está dissociado do primeiro o que diferencia um do outro é a necessidade de se por em prática os conhecimentos adquiridos, o aprender fazer está interligado com a questão profissional, onde há necessidade de um mediador o qual será o professor de colaborar para que o sujeito organize seus conhecimentos e tenha competência de aplicá-los.

É o que vem nos afirmar Delors quando nos diz que :

Aprender a conhecer e aprender a fazer são, em larga medida, indissociáveis. Mas a segunda aprendizagem esta mais estreitamente ligada à questão da formação profissional: como ensinar o aluno a pôr em pratica os seus conhecimentos e, também, como adaptar a educação ao trabalho futuro quando não se pode prever qual será a sua evolução? É a esta última questão que a Comissão tentará dar resposta mais particularmente. (2009, p. 21)

Nesse momento da aprendizagem do sujeito percebemos a necessidade de que o mesmo passe a ser preparado para o mercado de trabalho, então já não basta mais apenas ter somente curiosidade ou buscar saberes dissociado da realidade.

Aprender a viver junto aprender a conviver com os outros nos dias atuais é o maior desafio da educação, quando o ser humano precisa buscar suas limitações para que não extrapole o espaço de outro e que muitas vezes acaba por não conseguir, a sociedade acaba acusando, ser o fator "educacional" que falhou seja no âmbito formal (escolar) ou no informal (família), e como a própria Delors afirma

quando diz que a opinião pública, através dos meios de comunicação social, torna-se observadora impotente e até refém dos que criam ou mantêm conflitos. Até agora, a educação não pôde fazer grande coisa para modificar esta situação real.

Poderemos conceber uma educação capaz de evitar os conflitos, ou de resolvê-los de maneira pacífica, desde que todos ajam em conjunto poderemos iniciar está caminhada que será longa mais poderá trazer benefícios a todos.

Aprender ser segundo Delors que

Um princípio fundamental: a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. (2009, p. 21)

É inevitável não refletir com relação aos pilares da educação os quais são bases para todo ser humano, pois cada sujeito tem que ter curiosidade para estimular a aprendizagem, precisa de alguém que o auxilie na prática, entretanto para possuir boas relações no meio que está inserido é fundamental que relacione-se bem com o outro e são esses três primeiros pilares que dará a base na construção do sujeito para que ele possa se tornar um “ ser completo” , em fim estão todos entrelaçados ocorrendo em momentos distintos na vida de uma pessoa mais que ao final são para sua formação, enquanto sujeito, que interage no meio em que vive.

4.2 As Habilidades: Cognitiva, Social e Emocional

Segundo Chalita (2001, p. 192) a habilidade cognitiva é a aquela em que o aluno absorve o conhecimento e trabalha com ele de forma eficiente e significativa. O que na realidade seria o educador de fato transmitir seu conteúdo, mas fazendo com que o aluno construa o conceito da matéria para que tenha significado para ele

e não passe apenas a ser uma “decoreba”. Já na habilidade social, para se construir com significado, precisamos também ter boas relações interpessoais para que não haja nenhum bloqueio no momento da aprendizagem. E por último, e também de grande importância, temos a habilidade emocional, pois o aluno que teve uma boa estrutura emocional, que recebeu uma boa base junto ao seu ambiente familiar, desenvolverá as outras duas com maestria. A construção que o sujeito faz ao longo de sua trajetória, ou seja, no meio familiar ou escolar, é determinante para seu crescimento, se não fosse isso não teríamos tantos exemplos de pessoas, independente da idade, se desestabilizando emocionalmente acarretando consequências desagradáveis em outros setores de sua vida, seja no trabalho, escola ou nas relações interpessoais.

Para tanto, acredita-se ser necessário despertar em cada criança, a sede do conhecimento, buscando aprender cada vez mais e aperfeiçoar seus dispositivos intelectuais e cognitivos. Quando o sujeito permite-se aprender a fazer, significa que irá colocar em prática o conhecimento adquirido na teoria. No mundo tecnológico que vivemos é preciso que saibamos nos comunicar, compreendendo as informações, e não somente transmitindo. Juntamente com esse processo vem o aprender a conhecer o qual o aluno fará combinação da cultura em geral e a qual irá beneficiá-lo por toda a vida dentro das oportunidades que a educação pode lhe oferecer.

Aprender a conviver com os outros é uma aprendizagem desafiadora já que ela recai no campo de atitudes e valores e, automaticamente no campo dos conflitos, dos preconceitos, das rivalidades e de tudo o que ele traz de seu ambiente familiar já que é lá o início da construção da convivência com as demais pessoas. Mas com o auxílio do educador ele poderá aprender a rever sua aprendizagem e buscar o desenvolvimento total de sua personalidade. E, a partir do momento que se conseguir efetivar essas aprendizagens no indivíduo, estaremos caminhando para um ser autônomo, intelectualmente ativo, capaz de estabelecer relações com o meio interno o qual seria sua família, mas também com o meio externo, ou seja, a sociedade.

4.3 A Família e a Transmissão de Valores

Portanto, é na família que se inicia a transmissão dos primeiros valores da vida do indivíduo e tem sua continuação na escola, e se externaliza nos demais ambientes de convivência.

Assim argumenta Campos que:

A família é o primeiro grupo de referência da criança, quando esta vem ao mundo, proporcionando-lhe não só as condições mínimas para sua sobrevivência física, mas também lhe dando a possibilidade de se envolver psíquica, intelectual e socialmente, de tal modo que sem esta ação do grupo familiar, o ser humano se tornaria um ser subumano. Sendo o microgrupo família parte integrante da sociedade ou macrogrupo, todo o processo de educação realizado dentro de seu âmbito é um processo de integração de novo membro à vida social mais ampla. (1985, p. 18)

É nesse contexto que se percebe que a família é o elo de ligação do indivíduo com a sociedade. A família tem fundamental importância nessa formação de valores e, quando isso não ocorre de forma saudável, deixa falhas na formação do indivíduo que terá repercussão na vida toda, ou seja, afetarão seu desempenho escolar tendo, na maioria das vezes, distúrbios de aprendizagem assim como dificuldades de se relacionar em grupo.

Sendo que, há conhecimentos que se adquire no seio familiar e que dificilmente se aprende mais tarde, atitudes como, por exemplo: “se em pequenos não nos acostumamos a guardar o pacote no bolso quando não há um cesto de papéis à mão, a não pôr a música muito alta para não incomodar o vizinho, a dizer obrigado quando nos fazem um favor ou a não insultar os que são diferentes”, será mais complicado aprendê-lo mais tarde. Porque o civismo, o respeito, a honestidade e todos os valores humanos são em grande medida hábitos, rotinas, que aprendemos em família, de forma inconsciente, e que mais adiante chegamos a valorizar com a reflexão que permite a maturidade.

Compreender ajuda a aprender os valores são transmitidos através dos exemplos. Na atualidade, os fenômenos de produção e transmissão de valores

inscrevem-se num conjunto de mudanças que se estende a toda a sociedade. A família, participando deste conjunto de modificações, não fica indiferente perante este fenómeno, sendo também ela própria sujeito-ator deste vasto conjunto de transformações. Daí, que a seu modo e de maneira dinâmica, ao mesmo tempo em que recebe influências da sociedade, também é produtora de mudanças e procura programar novos valores, a par de outros herdados e agora reinterpretados, tendendo a transmiti-los às gerações mais novas.

Aliás, como refere L.V. Thomas (1993), individual e socialmente, nada é mais mobilizador do que os valores. São eles que nos motivam e, seja qual for a designação que lhe atribuímos, conferem sentido ao que fazemos, porque acreditamos neles. Deste modo, é são os valores que nos movem, através deles somos capazes de nos empenhar por uma causa, procurando atingir objetivos mais elevados como, por exemplo: a justiça, a verdade, o bem, o amor, ou mesmo o interesse bem orientado.

Deslocando mais incisivamente a atenção para a socialização, pode-se dizer que a família moderna atribui uma grande importância a esta dimensão da vida, ainda que seja coadjuvada por outras instâncias nestas tarefas. Por exemplo, a escola, a televisão e o grupo de pares exercem um papel relevante a este respeito, sem que, no entanto, o papel da família seja relegado a segundo plano.

A escola é cada vez mais objeto de investimento familiar na educação dos filhos, visando, ou a reprodução social para os que já usufruem de um capital sociocultural elevado, ou a melhoria do capital cultural e social para outros, de outra condição social. Com efeito, através de um diploma escolar valorizado, poder-se-á ascender à outra profissão, possivelmente melhor qualificada que a dos pais e, por conseguinte, a um estado de promoção social, como se vem verificando em muitas situações de há uns anos a esta parte. Outros, porém, através da escola, dificilmente conseguem ultrapassar o patamar social que herdaram dos pais, uma vez que o insucesso escolar continua elevado entre nós.

A família, sem deixar de transmitir determinados valores como a ética do esforço, o trabalho e a procura do “sucesso”, vem investindo bastante na escola. Por seu lado, esta tem exercido um papel de motor decisivo em termos de mobilidade social, ainda que nem sempre o diploma escolar alcançado permita auferir do emprego adequado. Refira-se que o aumento de capital cultural, por parte dos filhos,

nem sempre é acompanhado pelo aumento do capital social da família, no sentido deste poder mover influências à semelhança de outros que usufruem melhores condições sociais.

Mas estes novos investimentos da família na educação escolar não anulam, de modo algum, o seu papel de transmissão intrafamiliar que é determinante no percurso de vida das pessoas em geral. Os valores transmitidos no seu seio, contrariamente a uma recusa da reprodução dos mesmos ou até das correntes que afirmam que a família, em termos educativos, se preocupa menos com esse fator, a vida em comum implica isso mesmo, através dos comportamentos, com particular destaque para os femininos mais propensos e mais influentes quando se trata dos fenômenos de transmissão.

Por outro lado, uma das complexidades deste problema nas famílias, tem a ver com o fato de certo número de valores serem transmitidos de maneira consciente e voluntária, outros serem considerados ultrapassados para os tempos modernos, mas permanece a parte mais importante e mais difícil de discernir, isto é, tudo o que se transmite de maneira inconsciente e involuntária.

Sendo assim, a transmissão familiar opera-se na junção do que persiste e do que se inventa numa sociedade em profunda transformação, mas também no que permanece. A hierarquia dos valores, continuando a prevalecer, tende a mudar de uma geração à outra. São, sobretudo os valores, insistindo na autonomia do indivíduo que estão em alta. Ao contrário, os valores, implicando a submissão do indivíduo às instituições, às idéias, aos princípios tradicionais, entre outros, são menos valorizados.

4.4 A Escola e a Transmissão de Valores

Segundo Campos (1985), o processo educacional é por excelência conservador tendo em vista que a principal agência educativa é a escola e a família, as quais servem de intermediárias e depositárias da herança da nossa sociedade. Porém a escola vem sendo a responsável pela transmissão de valores atualmente. Principalmente nos lugares onde há maior pobreza e valores sociais, com a família

vivenciando uma enorme desestrutura acaba por incumbir a escola de fazer o seu papel, ou seja, o de desenvolver a cidadania do sujeito.

Infelizmente, existem dois eixos em que responsabilizam a escola para tal função sendo o primeiro já citado e o segundo a modernidade. Quando paramos para refletir é contraditório, vejamos em determinada situação é porque são pobres demais e por causa disso criou-se à desestruturação familiar, porém há os casos onde a família busca compensar os filhos pela sua ausência não impondo determinados limites e automaticamente construindo o caráter do mesmo transferindo a responsabilidade para a escola.

Esses são os desafios da educação e do educador, pois ele deverá trabalhar com essas duas realidades que acabam se afunilando em uma mesma situação. Mas e quem está preocupado com o educador? Personagem atuante dessa realidade e que nem sempre está preparado para essa demanda da sociedade. A idéia básica que se tinha era do educador que trabalharia com o conteúdo da sua área e reforçaria os limites básicos traçados já pelo familiar, porém esse profissional nem sempre está preparado.

Segundo Campos:

“a atuação da escola depende da própria atitude que a família tem e transmite à criança em relação a ela, assim como da clientela que ela atinge e da região em que está localizada, de quanto tempo a criança passa na escola em seu ambiente e do tipo do corpo docente”. (1985, p. 21)

E neste momento encontram-se outros fatores como, professores mal remunerados e reconhecidos, sendo obrigados a trabalhar até 60 horas semanais para ter uma vida um pouco mais digna, sendo obrigados a conviver e dar conta das mais diversas realidades. A questão é, como esse profissional que faz parte desse contexto escolar terá condições de trabalhar valores básicos com esses alunos? Será que, com todos esses fatores, não ficará comprometida a formação desse sujeito? Acredita-se que ainda levará um bom tempo para se obter uma resposta satisfatória.

É o tamanho e o tipo de relações que predominam em um estabelecimento de ensino que vai decorrer a extensão da influência que ela, através da ação exercida em sala de aula, dos professores sobre os alunos, poderá ter quanto à transmissão de valores.

Os pais podem e devem participar do contexto escolar, discutindo a orientação do ensino a ser construído com seus filhos, se não puder opinar diretamente nesse assunto poderá ao menos estar ciente do que está acontecendo na escola, qual o ensino ministrado, os conteúdos, a metodologia utilizada e assim poder decidir se é ou não conveniente que seu filho permaneça ali. É preciso, considerar até onde é possível o consenso em termos de valores e interpretações, até que ponto isso é prudente dentro do pluralismo da sociedade atual. Embora haja valor absoluto não podemos desconsiderar os que não o são.

Se a escola transmite os valores da cultura e da convivência harmônica e produtiva, é fácil concluir que a tarefa de desenvolvimento que gera o civismo é exatamente a mesma tarefa de melhorar a escola em sua integridade.

E, melhorando a escola em sua integridade, no seu ensino, na sua missão de oferecer uma educação de qualidade, estamos fazendo exatamente o que é necessário para gerar uma escola que transmite os valores esperados. Porque a escola que é íntegra e oferece um bom ensino, é capaz de transmitir os valores propostos e que desejamos.

Devemos nos preocupar explicitamente com o necessário seguimento dos valores da sociedade brasileira. Mas isso não se faz sem melhorar a escola no seu todo. Não há soluções para melhorar o desempenho da escola nesta direção que não seja uma solução global de melhorar a escola em tudo que ela faz de central.

Não podemos imaginar que haverá um civismo para os pobres e um civismo para os ricos. Isso seria tolice. Não obstante, como ricos e pobres não frequentam os mesmos meios e nem as mesmas escolas, os problemas que encontram uns e outros não são os mesmos. Sobretudo nas grandes cidades e nas áreas mais depauperadas ou problemáticas, os pobres encontram uma escola péssima e desmoralizada. É uma escola que não pode transmitir os valores que não cultiva ela mesma. É uma escola que não é capaz de contra-restará à desestruturação do comportamento social da sua vizinhança. Uma escola que mostra aos alunos que

eles não conseguem aprender, que cultiva a repetência, que deixa cicatriz na auto-estima dos alunos não pode ir muito longe à transmissão de valores. É uma escola que precisa virar uma escola boa, para que possa ser uma âncora, um emblema dos valores cívicos que uma sociedade tanto os necessita. É o problema clássico encontrado por todas as partes.

Não é esta a escola dos ricos que frequentam estabelecimentos particulares - ou algum público que sobreviveu às crises. Mas esta escola de ricos tampouco está cumprindo o seu papel. Esta pode ser uma escola que transmite os currículos escolares corretamente. Seguramente será uma escola que transmite certos valores e que ensina ao aluno a cultivar certos hábitos socialmente desejáveis. Até aí tudo bem.

Todavia, ela freqüentemente transmite também alguns valores da sociedade brasileira que não são compatíveis com o Brasil que desejamos.

Portanto, em certa medida, as escolas de rico transmitem os valores de uma sociedade tradicional e de privilégios que queremos eliminar. É extraordinário ver a falta de consciência social das novas gerações que inevitavelmente assumirão as rédeas da sociedade e da economia.

4.5 As Diferenças entre Educar e Ensinar

Educar e ensinar são atividades muito diferentes, como atestam os grandes educadores e educadoras do nosso Brasil, que dão o melhor de suas vidas a fim de transformarem meros indivíduos em potenciais cidadãos de bem, sem obterem, amiúde, o reconhecimento por este magnífico préstimo.

A televisão, o telefone, o rádio, os jornais, a Internet, entre outros, são instrumentos de comunicação e, portanto, formadores de opinião, e, assim como um livro, tem a possibilidade de ensinar. Ademais, de acordo com o dicionário, ensinar é ministrar e/ou transmitir conhecimento, informação; é instruir e/ou treinar. Ensinam-se o alfabeto, os números, os idiomas, a tomar banho, escovar os dentes, vestir-se adequadamente, a tirar leite, a fazer comida, a fazer massa de reboco, etc; não obstante, o ato de educar vai, além disto: estão intrinsecamente associado aos

valores, normas, atitudes, ações e procedimentos universalmente válidos, éticos e morais; baseia-se, com efeito, em comportamentos, valores e princípios que visam o aperfeiçoamento da vida e da dignidade do ser humano. Parte-se, de um princípio particular e subjetivo, daquilo que se julga, em sã consciência, em plena liberdade e autonomias racional e emocional como “bom para mim” e transfere-se, a partir do bem coletivo, na prática docente, como bom e adequado “para os outros”. Sendo assim, educar é: defender o direito à vida, justiça, igualdade social, paz entre as nações; crer na capacidade de todas as pessoas de aprender e de ensinar e de proporcionar meios para que elas sejam melhores do que nós; rejeitar todo tipo de acepção e de preconceitos; promover a pessoa humana por sua essência e excelência; valorizar a caridade, a misericórdia, a compaixão e o senso de empatia; propagar o valor da amizade, da honestidade, da hombridade, da felicidade para todos; desenvolver a crença num mundo melhor, mais justo, igualitário e ético, sem utopia, paternalismo e conformismo; asseverar coisas, embora a princípio rejeitáveis, mas necessárias para a proteção e a integridade da vida e do interesse coletivo; apregoar o benefício da sociabilidade, da diversidade e da diferença.

Pode ser modificada a forma do ensinar e aprender, com profunda participação dos alunos utilizando-se de todas as tecnologias existentes para a concretização do ato de ensinar. O que é constatado atualmente que ensinar e aprender exige muita flexibilidade e tempo, isso porque se o processo acontecer aberto como através de pesquisa e comunicação será necessário um tempo maior para que o aluno construa seu conhecimento para depois expor aos demais.

Porém a grande dificuldade é conciliar a extensão de informações com a variedade de fontes de acesso que temos hoje. Oferecendo espaços menos rígidos teremos que nos preocupar como o aluno fará a compreensão das informações que realmente possam ser significativas para que assim ele possa integrá-la a sua mente e da sua vida, onde isso seria significativo para o mesmo e desta forma aconteceria à construção do conceito a partir dele e, portanto, dificilmente ele o esqueceria.

A aquisição da informação dos dados dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer hoje dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor - o papel principal - é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los.

Aprender depende também do aluno, de que ele esteja pronto, maduro, para incorporar a real significação que essa informação tem para ele, para incorporá-la emocionalmente e vivenciando-a. Enquanto a informação não fizer parte do contexto pessoal - intelectual e emocional - não se tornará verdadeiramente significativa, não será aprendida verdadeiramente.

Uma parte das nossas dificuldades em ensinar se deve também a manter no nível organizacional e interpessoal formas de gerenciamento autoritário, pessoas que não estão acompanhando profundamente as mudanças na educação, que buscam o sucesso imediato, o lucro fácil, o marketing como estratégia principal.

O professor é um facilitador, que procura ajudar a que cada um consiga avançar no processo de aprender. Mas tem os limites do conteúdo programático, do tempo de aula, das normas legais. Ele tem uma grande liberdade concreta, na forma de conseguir organizar o processo de ensino-aprendizagem, mas dentro dos parâmetros básicos previstos socialmente.

O aluno não é unicamente nosso cliente que escolhe o que quer. É um cidadão em desenvolvimento. Há uma interação entre as expectativas dos alunos, as expectativas institucionais e sociais e as possibilidades concretas de cada professor. O professor procura facilitar a fluência, a boa organização e adaptação do curso a cada um, mas há limites que todos levarão em consideração. A personalidade do professor é decisiva para o bom êxito do ensino-aprendizagem. Muitos não sabem explorar todas as potencialidades da interação.

Assim como o professor faz o papel de facilitador para o aluno na escolha de informações que sejam de fato significativo, é necessário que os pais também desempenhem esse papel, pois a eles compete educar os filhos.

Portanto, eles deverão estar comprometidos com o processo do sujeito, oferecendo desde os primeiros anos de vida subsídios para que os mesmo tenham condições mais tarde de interagir com a sociedade e no meio escolar tendo maturidade na escolha que estarão fazendo.

São os pais que definem as primeiras informações e como elas podem ser elaboradas pelos filhos, como sabemos a criança espelha-se no modelo do adulto, então aquele que tiver atitudes boas e firmes estará construindo com seu filho um caráter bom.

A escola dará continuidade no trabalho feito em casa, ou seja, ela facilitará ao sujeito formas de ampliar o que já sabe, por exemplo; o que tem o hábito de leitura, o que tem boas relações interpessoais, para isso será proporcionado momentos para que o sujeito dessa ação amplie, porém quando isso já não vem de casa nem sempre o professor consegue desenvolver este trabalho ou ao menos com qualidade.

O que realmente fica claro é que, se pais e professores não atuarem em conjunto, dificilmente conseguirão a construção de um adulto saudável e praticante de todas as ações de bons costumes como o civismo e de um profissional que seja capaz de ir além do que está imposto pela sua própria profissão. Acredito que precisamos mudar essa realidade visto que já estamos no século XXI, onde as pessoas sabem de tudo um pouco, mas de nada aprofundado e muitas vezes não consegue nem sequer compreender o que acontece próximo delas.

Todos os meios de informações são capazes de educar o ser humano, mas para tanto se faz necessário que ele tenha discernimento do que é bom e do que é ruim, e isso na verdade simplesmente é todo o ensinamento recebido dos pais que darão condições do sujeito separar as coisas boas das ruins.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de conclusão teve como objetivo discutir a prática pedagógica nas escolas bem como papel do professor e dos pais no ato de ensinar e educar o qual foi alcançado, haja vista a discussão e enriquecimento que o estudo propiciou à autora.

Dissertou-se sobre atuação dos gestores, pais e professores em momentos distintos e que atualmente causam mal-estar aos professores que na verdade estão sobrecarregados muitas vezes atuantes na função dos pais. A dimensão pedagógica da função do professor na escola brasileira. Com base nos textos de autores selecionados para desenvolver o tema deste estudo, evidenciou-se que há uma visão distorcida do papel do professor no meio familiar, sendo muitas vezes visto como aquele que somente deve educar os alunos ou invés de ensinar a ampliar seus conhecimentos.

Com as leituras ficou constatado que independente da situação financeira, ou seja, criança pobre ou criança rica os pais estão transferido sua responsabilidade de educar para os professores, e as justificativas são as mais diversas desde não ter tempo, ou seja, serem ausente como também famílias desestruturadas que não dispõem de argumentos frente às novas realidades vivenciadas pelos alunos, é apenas uma repetição do que os próprios pais vivenciaram, então acabam por acreditar que isto basta.

Em linhas gerais, a realização deste estudo monográfico possibilita algumas considerações passíveis de reflexão:

- a) como trabalhar com essa realidade apresentada, mas de forma reflexiva interagindo pais e professores, em prol do aluno na construção de um sujeito autônomo e crítico?
- b) em que momento é possível separar o ato de educar com o ensinar, como buscar subsídios para que pais e professores concordem nas praticas de ensino aprendizagem do aluno, ou seja, o professor passar a ser o facilitador do processo e não o que irá construir tudo desde a formação básica do sujeito.

Para a autora, o estudo desenvolvido permite uma compreensão e uma análise crítica da prática pedagógica e dos pais de uma concepção participativa e transformadora, onde ambos estarão desenvolvendo atitudes voltadas ao um mesmo objeto, ou seja, a construção do sujeito.

Isso acontecendo, o professor passará a atender a função de facilitador do conhecimento o qual está designado: o de facilitar a democracia à igualdade primando sempre pela formação do ser humano no contexto escolar e social.

A sociedade necessita, urgentemente, de professores e pais amadurecidos emocionalmente que facilitem todo o processo de organização da aprendizagem. E se ambos conseguirem desenvolver juntos seus papéis, quem irá definitivamente ser beneficiado será nosso aluno, conseqüentemente, a sociedade terá pessoas capacitadas para desenvolverem seus papeis no meio em que a mesma estiver inserida.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 2. ed. Petrópolis/RJ: 2004, Vozes.

Borges, Heloisa da Silva. **Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Escolar**. Manaus: Edições UEA Ed. Valer, 2008.

CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza. **Educação Agentes Formais e Informais**: São Paulo: EPU, 1985.

CHALITA, Gabriel. **Educação a Solução está no Afeto**. 2001.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Gestão Democrática dos sistemas Públicos de Ensino. In: OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro (org.). **Gestão Educacional: Novos olhares Novas abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2005.

DELORS, Jacques. **A Educação para o Século XXI**. Questões e perspectivas. (trad. Fátima Murad). Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. **Os Quatro Pilares da Educação**. São Paulo, 14 Mai 2009. Disponível em: <<http://4pilares.net/text-cont/delors-pilares.htm>> Acesso em 28 Dez 2012.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. Rio de Janeiro. Vozes, 1993.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Mineaurélio Século XXI Escolar**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, Naura S. C. **Gestão democrática da educação**: atuais tendências, novos desafios. São Paulo: Cortez, 2008.

FERRARI, Rosane de Fátima. **Problemas de aprendizagem**: para quem encaminhar? In: FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 9. ed. Rio de Janeiro; Paz e Terra. 1983.

GUEDES, Sulami Pereira. **Educação, Pessoa e Liberdade.** Moraes, 1981.

MARQUES, Osorio Mario. **Educação nas Ciências.** Interlocação e Complementaridade. Unijuí Rio Grande do sul, Brasil, 2002.

MIZUKAMI, M. G. N. Ensino: **As abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986.

PARO, Vitor Henrique. **Administração Escolar, Introdução Crítica** – 16. ed. – São Paulo: Cortez, 2010.